

Delfim pede aos bancos termos mais generosos na renegociação

por Peter Montagon
do Financial Times

A implementação bem-sucedida do programa de ajuste econômico do Brasil significa que o País poderia agora se habilitar a um refinanciamento da dívida externa em termos mais generosos por parte de seus bancos comerciais credores, declarou ontem o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto.

"Pedimos aos bancos para que observem o que estamos fazendo e compreendam que temos necessidade de mais cooperação e melhores condições para solucionar nosso problema da dívida", declarou o ministro em uma entrevista, durante uma visita particular a Londres.

Destacando a grande melhora no balanço de pagamentos brasileiro, Delfim Netto afirmou que os bancos deveriam agora estar dispostos a conceder maiores prazos e juros mais baixos nas operações de reescalonamento dos débitos.

O déficit no balanço de pagamentos deverá baixar de US\$ 15 bilhões em 1982 para menos de US\$ 6 bilhões neste ano, afirmou. Ao mesmo tempo, a economia brasileira começou a crescer novamente pela primeira vez em dois anos e meio, em base a um "boom" nas exportações. Neste ano, deverá também ser registrada uma expansão positiva, após uma queda real de 3,4% no PNB em 1983, declarou.

INFLAÇÃO

A inflação, que atualmente se eleva a uma média de 10% ao mês, também deverá começar a baixar em breve, diante da forte compressão sobre o crescimento dos meios de pagamento e sobre os gastos públicos, acrescentou Delfim.

O ministro ressaltou que os acontecimentos proporcionaram ao Brasil um novo senso de autoconfiança nas negociações com os bancos comerciais credores, afirmando, porém, que o País "não tentará chantageá-los".

Delfim Netto foi deliberadamente vago quanto à extensão das concessões pretendidas pelo Brasil por

parte dos bancos credores. Apesar disso, deixou claro que o País procuraria igualar quaisquer concessões obtidas pela Argentina, que está tentando renegociar seu acordo de reescalonamento de US\$ 6 bilhões do ano passado em melhores termos.

"Os bancos sabem que as pessoas que estão fazendo o melhor devem receber pelo menos o mesmo tratamento que as pessoas que estão fazendo o pior", afirmou. Banqueiros interpretaram isso como um sinal de que o Brasil poderia solicitar rapidamente o reinício das conversações sobre os acordos da dívida já existentes caso a Argentina obtenha concessões retroativas.

RESERVAS

O Brasil, que dispõe atualmente de reservas cambiais líquidas de aproximadamente US\$ 1,6 bilhão, poderá cobrir os custos adicionais no serviço da dívida — estimados em torno de US\$ 600 milhões — resultantes dos recentes aumentos nas taxas de juros norte-americanas. Apesar disso, as elevadas taxas de juros deixam o Brasil em uma situação desconfortável. "Isto poderia arruinar todos os esforços de ajuste que temos feito", disse o ministro.

Embora o Brasil espere beneficiar-se de quaisquer concessões obtidas pela Argentina em suas conversações com os bancos comerciais, Delfim negou que isto tivesse motivado a participação brasileira no recente pacote de resgate de emergência para Buenos Aires. "O verdadeiro motivo foi a solidariedade regional", ressaltou. "A Argentina e o Brasil são grandes parceiros comerciais e naturalmente continuarão a sê-lo no futuro."

A próxima rodada de conversações sobre a dívida entre o Brasil e os bancos comerciais não deverá ser iniciada antes do próximo semestre. As negociações envolverão um novo pedido de empréstimo, embora seu montante seja substancialmente inferior ao do presente ano, de US\$ 6,5 bilhões, acrescentou Delfim.